CM 31-3-64

Di Cavalcanti quatrocentão

"Não sou mais do que um desenhista e um pintor... As reminiscências cariocas dêste livrinho assemelham-se às minhas conversas, pela falta de estilo e pelo desajustado das frases e das informações."

Assim começa o pintor Emiliano Di Cavalcanti o prefácio das suas "Reminiscências Líricas de um Perfeito Carioca", primeiro volume da Coleção Rio-Quatrocentos, com que a Editôra Civilização Brasileira comemora o Quarto Centenário da cidade do Rio de Janeiro. A edição, fartamente ilustrada pelo autor, (sete desenhos oníricos) divide-se em cinco partes: Prefácio, Reminiscências Líricas, Retrato de um Primo, Poemas Inesperadamente Cariocas e Agenda de Certas Ruas Cariocas. A capa, sob um desenho de Di Cavalcanti, é de Eugênio Hirsch. Confessa-nos Di Cavalcanti em seu curto prefácio, como a desculpar (desnecessàriamente) suas excursões pelas letras, ser mais um pintor e desenhista do que escritor. Achar Di Cavalcanti uma necessidade explicar ser mais pintor do que escritor é um dado bem expressivo para compreensão de um lado da personalidade do artista.

O livro resulta num leve e agradável hino de amor e festa ao Rio de Janeiro, cidade onde o artista nasceu, na Rua Riachuelo, no século passado, na véspera de feriado nacional... ("e eu tenho vivido tôda vida na véspera de um feriado esperando, esperando tranqüilidade perfeita". À possível falta de estilo, profundidade e estrutura, parcialmente reconhecidas pelo próprio autor, e outras falhas ou qualidades que os críticos literários se encarregarão de apontar, há nêsse livro duas virtudes indiscutíveis: retrata realmente tôda uma atmosfera especialíssima da vida carioca, e retrata sobretudo o temperamento, o espírito, o humor, a malícia e lirismo, a maneira especial de ver e sentir do próprio autor.

Di Cavalcanti é saudado por Guilherme Figueiredo com um consagrador artigo de orelha da edição, onde o classifica como "o mais importante artista plástico brasileiro da atualidade", comparando-o a seus colegas Miguel Angelo e Cellini. Depois de uma série de imagens e adjetivos elevadíssimos conclui assim: "Há quatrocentos anos esta baía, esta serra, êste caleidoscópio verde-dourado esperava Di Cavalcanti; êle veio e suas reminiscências são a lembrança para sempre." A coleção Rio-400 é dirigida por Guilherme Figueiredo que deverá acumular o cargo de adido cultural de Varsóvia e Praga enquanto Di Cavalcanti acumulará o de adido cultural de Paris e Bruxelas.

Murilo Mendes no júri de Veneza?

Dos entendimentos havidos entre a Associação Brasileira de Críticos de Arte e a Difusão Cultural do Itamarati com vistas para a seleção de artistas brasileiros que comparecerão à Bienal de Veneza, em junho próximo, teria resultado uma comissão integrada por Matarazzo Sobrinho, o crítico Clarival Valladares e o secretário Dias Costa, por sugestão da referida Difusão Cultural; a ABCA entretanto insistiu e conseguiu na inclusão de mais um dos seus elementos, nosso confrade Antônio Bento.

* * *

Mário Pedrosa, presidente da ABCA, opõe-se à designação do secretário Dias Costa como assistente do comissário, como aconteceu há dois anos; resiste também à designação de Matarazzo Sobrinho como Comissário, alegando que ambos não são nem artistas, críticos, técnicos em museu ou experts em arte; Matarazzo deve comparecer "de cima" como presidente da Bienal de São Paulo e Dias Costa participar como funcionário que participa dos trabalhos burocráticos da organização da delegação.

* * *

Uma boa notícia: a Bienal de Veneza teria manifestado o desejo de que o poeta e crítico brasileiro Murilo Mendes participasse do júri de premiação do certame na qualidade de comissário do Brasil; em conseqüência Murilo Mendes foi convidado à vir ao Brasil a fim de participar ativamente da constituição da nossa delegação, não tendo ainda dado confirmação.

* * *

Itinerário das Artes Plásticas

JAYME MAURICIO

dos até agora sofreriam revisão e provàvelmente ainda não será nesta Bienal de junho próximo que os brasileiros comparecerão em casa própria.

* * *

Altos e baixos: na suite dêsses entendimentos louve-se a atitude do Departamento Cultural e de Informações promovendo um encontro entre alguns críticos e o técnico inglês que veio ao Brasil selecionar 100 pinturas e 100 gravuras para a mostra de Londres; Pedrosa, Antônio Bentoe várias outras pessoas estão constrangidas com a idéia de se enviar à Veneza a escultura do saudoso escultor afro-brasileiro Agnaldo e profissionais excessivamente jovens e imaturos.

Inauguração da Galeria Goeldi

Clarival Valladares, Afrânio Coutinho e Vicente Barreto, em nome da Galeria Goeldi e Cadernos Brasileiros convidam para a primeira exposição coletiva (expositores de 1964) no dia 2 de abril, às 21h, na Rua Prudente de Morais, 129, na Praça General Osório. Pintura, desenho, gravura e escultura.

Embora não saibamos ainda quais os integrantes dessa mostra coletiva que inaugura mais uma sala de exposições na já extremamente plástica Praça General Osório (Petite Galerie, Tenreiro, OCA, Mobília Contemporânea) saudamos o aparecimento de mais uma galeria que além de festejar o nome ilustre de Goeldi surge com elevados propósitos de renovação de valôres e especial atenção para com artistas jovens, apoiada em nomes que merecem tôda a nossa confiança e consideração.

Loio Persio na Tenreiro

Depois de amanhã, quinta-feira, na Galeria Tenreiro, na Praça General Osório, esquina com Prudente de Morais, será inaugurada uma exposição do pintor Loio Persio, antecipando sua viagem ao estrangeiro. Um convite-catálogo de côr e forma elegantíssimos traz um desenho do expositor em uma espécie de apresentação de si mesmo, já que não encontrou um grande poeta para suas pinturas que só se explicariam poèticamente. Não encontrou também a sapiencia elucidativa de um crítico profissional, deixando as obras sòzinhas ante a sanha do público. Depois dessa expressiva "fala", o jovem e talentoso pintor faz o seu habil appeal: "Sòzinhas (as obras) como são as pessoas e as coisas até que a inteligência e o coração deq uem as encontra os tragam para o fraterno convívio cotidiano."

O pintor fala no serviço que lhe prestaram a nossa boa-vontade e perspicácia na exposição de 1959, chêsz Tenreiro. Foi antes — permita a retificação — em 1958, na pequena mostra da Biblioteca Nacional, com Niomar Moniz Sodré Bittencourt, Maria Martins e Eneida, que também reconheceram os méritos do pintor. E continuou até o prêmio de viagem do Salão. Só que não foi boa-vontade nem perspicácia, palavras amargas num môço vitorioso: foi sensibilidade para a boa pintura e consciência de dever profissional. O que fizemos e faremos com muitos. Nêsse particular, Loio Persio nunca desapontou: sempre fêz com ligeiras alterações, boa pintura. E [illegible] ainda depois

Instituto de Arte Contemporânea